



treze coisas não ouvidas nem ditas

Fernanda Andrade Fachin

treze coisas não ouvidas nem ditas

Fernanda Andrade Fachin

1ª não impressão

Portfólio literário desenvolvido para a disciplina de Escrita Criativa do curso de Cinema da UFSC ministrada pelo professor Márcio Markendorf.

Capa: ilustração “Eu tô muito cansada” por Fernanda Andrade Fachin

Dezembro de 2016

SUMÁRIO

Apresentação

- 06** Queen of 68
- 08** Sobre sobressalentes silêncios sóbrios
- 10** Em algum dia de dezembro do ano de dois mil e alguma coisa eu tentei brincar de não ser criança e me fodi
- 11** Uma última carta
- 12** Espelho
- 14** 10 Coisas Que Eu Odeio Em Você, Pós-Modernismo
- 15** As pessoas achavam que eles não poderiam ser outra coisa senão felizes
- 17** Alguma coisa a ver com bruxaria
- 20** Hoje enquanto você pensava em ser um saco de cebolitos vazio ao vento eu quis te dizer que eu gosto dos dias em que você está do meu lado e que me dói te ver tão triste
- 21** Micro Contos
 - 21** I
 - 21** II
 - 22** III
- 23** Afefobia

APRESENTAÇÃO

Seguem-se treze textos desesperançosos escritos durante a segunda metade de dois mil e dezesseis.

O ano que ninguém aguenta mais.

*The other night I had a dream that I
was sitting on the sidewalk on Moody
Street, Pawtucketville, Lowell, Mass,
with a pencil and paper in my hand
saying to myself "Describe the
wrinkly tar of this sidewalk, also
the iron pickets of Textile Institute,
or the doorway where Lousy and you and
G.j.'s always sitting and don't stop
to think of words when you do
stop, just stop to think of the
picture better - and let your mind off
yourself in this work."*

Jack Kerouac, Dr. Sax

Queen of 68
(Ao som de Gal Costa)

Me dê um beijo meu amor, você me disse, que nem na música do Caetano. E eu te beijei eu te beijei na frente da igreja depois de atear fogo no meio da rua, depois de derrubar placas, luzes, estátuas, símbolos de uma paranóia cristã que hoje a gente queima, quebra, rasga mas que amanhã infelizmente continuam em pé e sórdidos. Corre. Eu sempre te perco por uns vinte e três segundos quando a gente tem que correr. Você viu um menino sendo preso e eu vi a cabeça de uma menina sangrando e depois, vimos juntas a polícia descer o cacete. Vimos juntas acabar por aí a nossa tentativa (mais uma tentativa) do dia de fazer algo pra mudar uma política uma sociedade uma censura.

Acordo, visto-me. O sol de agosto é suave e eu gosto de senti-lo. Volto pra cama e abro as cortinas, você ainda dorme? Eu não tenho certeza, talvez só esteja quieta como quando a gente acorda e não quer mais dormir mas também não quer estar acordada. Eu penso em ontem. Eu penso em você. Eu penso em nada. Me distraio com o som de um carro vendendo ovos. Volto a pensar em você. Como que a gente chegou neste ponto em que todo e qualquer momento juntas é um grande ponto de interrogação?

E eu vou dizer (e isso eu copieei de você) que a gente precisa de tanta mas tanta coisa sim a gente precisa de tanta coisa. Precisamos de algumas coisas pra que não acabemos nos machucando não acabemos dizendo: nós que nos amávamos tanto. Você precisa recitar poesia de pé em cima de uma cadeira pra mim. Eu preciso, quando você olha nos meus olhos e pergunta o que foi, dizer alguma coisa qualquer coisa, ir além do nada que eu sempre respondo pra que, um dia (ah um dia sempre nessa de um dia como você sempre diz) eu consiga dizer o que eu realmente queira dizer nessas horas em que você esquece os olhos em cima dos meus. Você precisa me cantar baixinho, quase que em sussurro talvez mesmo num sussurro, aquela música que não me recordo o nome mas tem um trecho exatamente assim: Fo tografei você na minha Rolley-Flex. Mas cante como na versão da Gal Costa que você acha mais bonita, mesmo que eu prefira a versão arrastada do Tom Jobim. Eu preciso te fotografar num dia de sol em que algum feixe bonito de luz solar cruze teu corpo e te faça sorrir enquanto toca um disco do Chico, e vai parecer que ele canta só pra gente quando canta acorda amor e eu sei que, assim como eu, você vai estar pensando no nosso beijo na frente da igreja, na menina sangrando, nos símbolos caindo, na multidão cantando, nos escombros do que quebramos da cidade nos escombros do que quebramos de nós mesmas. Nós que: nos amávamos tanto.

Eu sei que o tempo anda difícil e já é quase 69. Que não é qualquer palavra terna que vai te restituir as esperanças. Que as certezas têm se diluído. Que o tempo tem corrido muito por mais que a gente corra também. Que o silêncio tem ocupado muita fala. Que estamos cansadas demais. Que os dias as vezes tem sido só dias. Mas dorme que eu cuido de você. Dorme que eu cuido de você. Dorme que eu cuido de você.

Mas você acorda. Você não se mexeu ainda mas eu vi sua pele se arrepiar com a brisa que entrou. Você não gosta que eu abra a janela mas o fiz porque me faltava ar neste quarto fechado. Quase sempre me falta. Parece-me que não quer me olhar, parece-me que não quer viver este dia especificamente este dia. Eu sei que tá chovendo e que você não gosta de chuva, assim como eu. Que tristeza essa cidade quando chove. Perdoa se te acordei. Andei pensando que nós que nos arriscávamos tanto, nós que corríamos tanto, nós que falávamos tanto, nós que éramos tanto talvez não sejamos mais e:

Quando você me beija é o mesmo beijo mas tem gosto de boca agora. Quando você fala são as mesmas palavras mas são só palavras agora. Quando você me toca é o mesmo toque mas são só mãos agora. E os olhos, a pele, o cheiro, os pelos, os dentes, as unhas, o suor, o calor rijo do teu corpo contra o meu o calor rijo do teu corpo sempre ainda é o mesmo e você ainda é você. Mas é só você agora.

Sobre sobressalentes silêncios sóbrios

*“Go, go, go, said the bird: human kind
Cannot bear very much reality.”*

T.S. Eliot, Burnt Norton

É muito difícil te escrever porque eu sempre quero que seja a coisa mais bonita que você vai ler e reler e declamar, assim como fez esses dias com o poema do Walt Whitman enquanto tocava Beatles ou Nina Simone, eu não sei ao certo. Você é tá o bonita lendo eu canto o corpo elétrico. Você é tão bonita lendo. Você é tão bonita e ponto. Mas não era isso que eu queria dizer. Vê , neste dia do Walt Whitman e Beatles e Nina Simone, extremamente comum e perfeitamente suportável, você achou que seria uma boa ideia - e isso eu suponho enquanto lembro da sua cara branca se inclinando na privada num vaivém in-fi-ni-to de um vômito letárgico- , na verdade você não achou nada, nem pensou, foi lá e encheu a cara de sobriedade daí ficou daquele jeito falando coisa com coisa, e com aquela cara de sóbria, vai se foder sabe? Por uma predileção, ânsia, capricho, ímpeto, sintoma talvez, talvez nada disso, talvez nada mesmo. Seja lá o que for o fato é que você não me fala e eu: fico cuidando de você me perguntando o porquê de continuar ao seu lado e encontro vários variáveis, indefiníveis e indizíveis por quês.

Eu juro que já tentei, pergunte a todos os deuses e estátuas e altares, mas não consigo entender essa sua vontade louca de ficar sóbria. Entrar nesse submundo degradado percorrido por pensamentos vazios, sem efervescência, condenado ao limite do possível, mutilado pela rotina, pelo cansaço e pelo fadigamor conformado. Pouca ou nenhuma esperança.

Sabe que me dói te ver assim. Disseram-me dia desses que as pessoas têm ficado muito sóbrias, vítimas de um sistema explorador. A depressão tem assolado todo mundo e é comum ver então gentes aos montes querendo se livrar do peso que é viver sob essa pressão embriagando-se de sobriedade. Querem ver as coisas como elas são e as veem e depois ficam doentes de tanta realidade.

Triste, triste, triste. Você se cala e eu não sei por fim o que se passa. Nunca.

No dia seguinte quando você se levantou eu te olhei bem e fiquei um tempo olhando você só olhando e pensando que assim em algum momento você poderia me dizer algo, qualquer coisa, uma coisinha sequer, sabe, eu não quero te importunar, só queria saber como ajudar, tá

bem eu sei que isso tudo é mania minha também, não eu não quero saber de tudo, mas venha cá beba um vinho, como não?, viu? por isso que me preocupa e por isso que te importuno. Eu vou deixar o vinho aqui e você vai beber, uma hora vai. Você não pode mais ficar assim sóbria, isso é coisa séria, me escuta. Por que você não fala tanto assim quando deveria? Você vai acabar num hospital de tanta sobriedade e fala presa, olha bem, agora, por favor, me fala que eu te ouço, me fala que eu te ouço e não me assusto. Diga.

**Em algum dia de dezembro do ano de dois mil e alguma coisa eu tentei
brincar de não ser criança e me fodi**

A euforia das pessoas numa noite de shows natalinos me deixou exasperada. Não é natal mas é quase. Luzes e árvores e presentes e músicas natalinas americanas e toda essa coisa importada, que é o que se vê. Com certeza passavam das 20h considerando que o horário de verão não deixa anoitecer antes disso nas cidades brasileiras ao sul do trópico de capricórnio, onde jamais o sol ficará no seu zénite. Presumivelmente as pessoas amontoavam-se na praça principal para ver o que a prefeitura havia feito pela estética natalina da cidade neste ano. Gente demais. Fugiu. Como fosse uma pessoa independente sabendo bem para onde ir. Não demorou para me ver ainda no meio de um monte de pessoas. Nenhuma delas são meus pais.

Uma Última Carta

Da última vez que a vi fumava nua em frente à janela do quarto de onde jorrava luz solar. Formava-se de luz outra janela na parede adjacente. Parede de tinta amarela levemente descascada devido a umidade: é antigo este prédio, é úmida esta cidade, é descuidado o vizinho do andar de cima. Sem demora virou o pescoço 90 graus pra direita até o queixo quase se alinhar ao ombro moderadamente encolhido e se dirigiu a mim com os olhos somente. Tentei me dirigir a ela tão somente com os olhos também [nunca soube se funcionou tal retenção]. Seus olhos estavam delineados por um traçado preto espesso mas nem tão espesso e vinha do cômodo ao lado [uma sala que não me parecia uma sala] um diminuto quase imperceptível som do que aparentava ser uma canção dos Beatles eu não sei qual mas uma bem triste. Costumava escutar Elliott Smith quando se sentia melancólica. Fazia calor, era até bonito o dia e eu ia falar pra ela das coisas que me doíam só que a tristeza dela me pareceu mais importante, eu nada falei. As pessoas da minha vida que a conheciam esperavam muito dela sabe? Coisas grandes como ideias geniais concepções conceituais gesticulação jeitosa dicção agradável e boa articulação. Eloquência em carne e osso. Mas ela não a era. Me arrisco aqui a dizer que nunca foi boa sua gesticulação, tampouco sua dicção. Mas ah se estivesse em sua presença como gostaria de vê-la gesticular e quanto não faria só para ouvir sua voz dizendo coisas que entenderia eu pela metade mesmo depois de fazê-la repetir três vezes a fala. Por fim me daria por entendido. Ah se ela soubesse que toda vez que a via queria reservar metade do tempo, deste tempo com ela, só olhando olhando bem pra ela. Se ela soubesse que me dava uma saudade aguda ficar uns míseros dias sem vê-la. Se ela soubesse que as vezes eu tinha vontade de gritar o nome dela de cima de algum lugar bem alto se ela soubesse que me dava uma gana. Se ela soubesse que, assim como disse Ferreira Gullar, eu a achava mais bonita que a Ursula Andress. Se ela soubesse que eu nem gosto de Elliott Smith e dos Beatles menos ainda mas com ela eu escutava e comentava as composições pra tentar impressionar. Se ela soubesse que escrevi muito para e sobre ela. Se ela soubesse. Se ela soubesse que eu gostava tanto da contradição que era ela se soubesse que eu também esperava dela grandes coisas. Se ela soubesse que.

Adeus,

Caio.

Espelho

*What if, instead of a parallel universe,
there's a perpendicular universe?*

Robert Breault

I

Arrumo minha cama. Primeiro o lençol: dirijo-me ao guarda-roupas, abro a porta superior esquerda, estou na ponta dos pés, estico meu braço até o mais fundo do compartimento, alcanço um único lençol. O último limpo. Ele é azul e tem algumas manchas, não está bem dobrado, é daqueles de elástico. Começo a colocá-lo na cama, tá difícil. Coloco de um lado e o outro cai. Acho que estou há 6 minutos nessas tentativas falhas. Consegui colocar finalmente. Dirijo-me até o guarda-roupas novamente, fico na ponta dos pés, estico o braço e procuro ao fundo uma fronha, não há fronha alguma. Olho pra minha cama. A fronha atual do travesseiro está manchada. Puxo a coberta que está em cima da cama e cubro-a inteira. Cruzo minhas mãos atrás de meu pescoço respiro fundo e expiro fazendo beijo enquanto olho pra cama. Ao lado dela vejo uma pilha de revistas e origamis aos montes Franz venha aqui! grita da cozinha minha mãe, atendo simplesmente indo até a dependência. Franz, meu pequeno Franz, não te assusta passar este dia sozinho em casa, não? balancei a cabeça negativamente, minha mãe segurava-me pelos braços, O almoço tá na geladeira, coma frutas a tarde, ninguém está para chegar portanto não atenda a porta e por favor, meu menino, não esqueça de tomar os remédios e fazer a nebulização, volto antes do anoitecer disse fitando constantemente meus olhos. Deu-me um beijo em cada bochecha e saiu porta afora. Mantenho-me na cozinha, já é quase meio-dia. Não sinto fome. Vou para o jardim. Os dias têm alternado entre sol e chuva, hoje por acaso chove. Nenhum dia de sol tem sido tão bonito a ponto de me desagradar ser um dia de chuva. Deito-me na grama molhada, com as mãos nos olhos fico sentindo os pingos de chuva, todo esse vapor que se materializou em líquido e que agora se desforma na minha pele e escorre até chegar no solo e observo as nuvens cinzas tomando formas inesperadas, essas nuvens bem cinzas que se materializam e depois de andar por aí se desmaterializam. Fecho os olhos.

II

Arrumo minha cama. Primeiro o lençol: dirijo-me ao guarda-roupas, abro a porta inferior direita, estou de ponta cabeça, estico meu braço até o mais fundo do compartimento, alcanço um único lençol. O último limpo. Ele é azul e tem algumas manchas, não está bem dobrado, é daqueles de elástico. Começo a colocá-lo na cama, tá difícil. Coloco de um lado e o outro cai. Acho que estou há 6 minutos nessas tentativas falhas. Conseguí colocar finalmente. Dirijo-me até o guarda-roupas novamente, fico de ponta cabeça, estico o braço procuro ao fundo uma fronha, não há fronha alguma. Olho pra minha cama. A fronha atual do travesseiro está manchada. Puxo a coberta que está em cima da cama e descubro-a inteira. Cruzo minhas mãos atrás de meu pescoço respiro fundo e expiro fazendo beijo enquanto olho pra cama. Ao lado dela vejo uma pilha de revistas e origamis aos montes Franz venha aqui! grita da cozinha minha mãe, atendo simplesmente indo até a dependência. Franz, meu pequeno Franz, não te assusta passar este dia sozinho em casa, não? balancei a cabeça negativamente, minha mãe segurava-me pelos braços, O almoço tá na geladeira, coma frutas a tarde, ninguém está para chegar portanto não atenda a porta e por favor, meu menino, não esqueça de tomar os remédios e fazer a nebulização, volto antes do anoitecer disse fitando constantemente meus olhos. Deu-me um beijo em cada bochecha e saiu porta afora. Mantenho-me na cozinha, já é quase meio-dia. Não sinto fome. Vou para o jardim. Os dias têm alternado entre sol e chuva, hoje por acaso não chove. Nenhum dia de chuva tem sido tão bonito a ponto de me desagradar ser um dia de sol. Deito-me na grama, com as mãos nos olhos fico sentindo os raios de sol e observo as poucas nuvens tomando formas inesperadas, essas nuvens que se materializam e depois de andar por aí se desmaterializam. Abro os olhos.

III

Já são 14h,vou até a cozinha.

Já são 14h,vou até a cozinha.

Parece que tem alguém em casa. Mãe?

Parece que tem alguém em casa. Mãe?

Continuo andando até dar de cara com.

Continuo andando até dar de cara com.

10 Coisas Que Eu Odeio Em Você, Pós-Modernismo

Eu odeio o jeito que você supervaloriza a subjetividade e eu odeio o jeito que você é individualista. Eu odeio o jeito que você nega as metanarrativas eu odeio quando você relativiza. Eu odeio suas grandes e simples ideias criticistas e o jeito que você as coloca. Eu te odeio tanto que me faz ficar doida e até me faz ler Foucault. Eu odeio a multiplicidade de verdades. Eu odeio quando você nega universalidades. Eu odeio quando você nega a possibilidade de conhecimento real, até mais quando primazia percepções individuais. Eu odeio a sua problematização pelo fato de que você não me apresenta soluções mas, ainda por cima, eu odeio que eu não te odeio, o suficiente, para odiar o Andy Warhol.

**As pessoas achavam que eles não poderiam ser
outra coisa senão felizes**

Um revólver caseiro calibre 38, um vidro de veneno vazio e um par de luvas em cima da mesa.

Ela: Eu vou te matar.

Ele: Hein?

Ela: Eu vou te matar, eu disse.

Ele: O quê?

Ela: Eu disse que vou te matar.

Ele: O que é que você quer dizer com isso?

Ela: Eu quero dizer que vou te matar. Só isso.

Ele: Tá bom então.

Ela: Não. Não tá bom. Por isso que eu vou te matar.

Ele: Tá bem .

Ela: Você não se importa que eu te mate, então?

Ele: Não.

Ela veste as luvas, bala no revólver, revólver nas mãos dela, revólver apontado para ele.

Ela suspira.

Ele: Ei!

Ela: O quê?

Ele: Você está começando a me assustar baby.

Ela: Baby?

Ele: O quê?

Ela: Baby, você não deve me chamar de baby, por mais que você me chame de baby, eu vou te matar.

Ele: Eu acho que já basta dessa brincadeira.

Ela: Não.

Ele: Por que não?

Ela: Não é brincadeira.

Ela puxa o cão do revólver para trás.

Ele dá três passos pra trás até encostar-se na parede.

Ela suspira novamente.

Ele: Pelo amor de deus, por favor por favor por favor, o que tá acontecendo?

Ela: Tá vendo essa arma? É aquela sua.

Ele: Sim sim sim, é a minha é a minha.

Ela tira os cabelos do rosto e do pescoço com uma mão, deixando a mostra manchas roxas.

Ela: De quem é mesmo?

Ele começa a chorar.

Ela: Eu gosto muito de você, baby.

Ele: Go-go-go-gosta?

Ela: É.

Ele: Eu tam-também.

Ela: Então você quer me ver bem?

Ele: Quero, quero, claro que eu quero, eu quero.

Ela: Eu vejo. Eu quero também.

Ela: Calma eu chamei a polícia.

Ele: O quê?

Ela entrega a arma a ele, tira as luvas e começa a ter uma convulsão.

A polícia chega.

A pena de um homicídio qualificado envolvendo violência doméstica é de doze a trinta anos.

Alguma coisa a ver com bruxaria

Conto escrito em conjunto com:

Amanda Cristina Moreira, Arthur Caldas de Oliveira, Caio Martins Jory, Helena Paula Zanin, Leonardo dos Santos Pinheiro, Mateus Mendes Gigante, Mateus Mossmann Trindade, Mayron Moreira Campos de Oliveira e Claudia Resem.

Ninguém estranhou quando os adolescentes começaram a pular da ponte. No começo eram um ou dois por dia, mais tarde dez, quinze. Aos poucos, assistir suicídios virou o programa favorito de alguns aposentados sentados em suas cadeirinhas de praia no fim da tarde. Apesar da epidemia de suicídios, a rotina permanecia. A soberania do comer, dormir, acordar e trabalhar. De novo e de novo tudo permanecia normal. Assim como o analgésico que alivia a dor. Foi uma cirurgia sem dor. A anestesia tomou conta da percepção. Amputavam as vontades. Amputavam os sonhos. Amputavam a vida.

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Todas as pessoas que estavam lá, ficaram lá mesmo. Até quem era do continente. Não havia luz e comunicação, pois tudo chegava por cabos que estavam na ponte. Não notaram, mas igualmente não havia internet.

Alguns automóveis prestes a cruzá-las deram meia volta, os que nelas estavam continuaram por uma rota aquática para sei lá onde, ninguém se pôs a resgatá-los. Outros carros, menos ousados, permaneceram em frente às ruínas, o novo cartão-postal da cidade.

Às vinte horas, quando estava acabando, o jornal anunciou, sem profundidade alguma de contexto, sem interesse, tampouco delonga alguma: as pontes caíram. Típico de uma cidade que com tanta gente, essa gente toda, que facilmente olha, mas não vê, desprezaria umas pontes caídas por aí.

Os ambulantes entraram em sistema de revezamento: os vendedores de churros compravam amendoim, os de amendoim compravam queijo coalho, os de queijo coalho alugavam cadeiras e os locadores das cadeiras compravam churros. Traficantes tentavam passar cocaína por farinha, beach clubs transformavam-se em galerias de arte, onde eram expostos brincos

de pena e imãs de geladeira das falecidas pontes. Instaurou-se, assim, o gulag turístico. As mercadorias outrora vindas de fora, começaram a ser produzidas na ilha, e logo havia uma fábrica em cada esquina. As pessoas só falavam com quem também estava na ilha e, em algum tempo qualquer, já se comunicavam em um novo idioma. A história foi sendo esquecida, e apenas o que aconteceu na ilha permaneceu.

Mas, mesmo assim, ninguém estranhou quando os carros pararam. Ninguém estranhou quando os sons sumiram. Ninguém estranhou quando o vento não bateu. Ninguém estranhou quando as facas não cortaram, as cortinas não mexeram e a luz não se fez luz. Ninguém estranhou quando os celulares não tocaram. João. João estranhou. Tentou ligar para o continente, e não conseguiu. Gritar e não saiu. Nadar e a água não deixou. Morrer e o tiro não entrou. Andar, andou. Tentar, também. João decidiu comer bolachas de água e sal com requeijão e ler os livros que gostaria de ler.

Não foi diferente com Antônio. Via de seu apartamento, todas manhãs, os carros que continuavam parados, esperando sua vez de cair na água. Ia agora para o trabalho a pé e não se preocupava em passar no mercado. A comida acabara mês passado. No trabalho, não se preocupava em levantar de sua mesa para ir até a cafeteira. O café acabara. A vida perdera o sentido.

Os habitantes da ilha, apesar disso, comemoraram por não precisar mais ter contato com o continente. Agora eram uma nação independente. Não precisavam mais ter que obedecer ordens de outros que nem ilhados estavam, teriam suas próprias regras, sua própria cultura e, ainda, poderiam gerar uma nova espécie, a sua nova espécie.

Chegaram a orquestrar toda uma inauguração da Independência: imprensa posta, marchinha das crianças da cidade, hasteamento da nova bandeira. Pum pum pum. Adeus, Continente e o Inferno. Assim se desataram os ilhéus, felizes, do continente. Quando longe, já bem longe, na entrada do profundo oceano Atlântico, o governante eleito da cidade percebeu que, na verdade, a ilha estava indo em direção a África. Pânico geral, meu Deus. Exasperados com a saída, esqueceram-se do trajeto. Rapidamente os pescadores da ilha se colocaram ao norte, lançaram suas redes em busca de cardumes que os pudessem levar nessa direção. Ao sul, todos os surfistas fazendo altas manobras de maneira que a água fizesse ondas, empurrando a ilha ao norte. Tudo televisionado, é claro. Estavam aliviados. Ultrapassaram o Equador e o

Câncer. Queriam chegar na Europa, esse era o sonho. Estava perto a Europa, meu amor. Chegando, na costa da Grã-Bretanha, todos festejavam. Mas tudo acabou com uma declaração que dinamitou o otimismo: “Não aceitamos estrangeiros”, disseram os ingleses, “mas aceitamos as tainhas”.

Ninguém percebeu quando a comida acabou e começaram a morrer de fome. Nem João, lendo seus livros, percebeu. Sem café há alguns anos, Antônio nem se importou.

E quando todos, finalmente, morreram, ninguém enterrou.

Hoje enquanto você pensava em ser um saco de cebolitos vazio ao vento eu quis te dizer que eu gosto dos dias em que você está do meu lado e que me dói te ver tão triste

Para Julia, que acha que ninguém nunca escreverá sobre ela.

Embora os tempos andem difíceis e não pareça haver perspectiva real de melhora Embora ande chovendo demais e a cidade esteja um caos porque é verão e a mobilidade urbana é uma droga Embora a geração da qual fazemos parte pareça perdida Embora a ansiedade te consuma às vezes Embora nada pareça fazer sentido e as certezas e dúvidas se dissolvam nisso Embora o vento esteja batendo nas suas costas agora Uma hora o sol volta e o verão acaba e a geração muda e as coisas se ajeitam e o vento troca de direção. Lê isso aqui quando tiver perdido as esperanças.

Este conto não faz parte de nenhum dos temas propostos no decorrer da disciplina, é só mais um conto.

I

Dia da maçã, da morte de François Truffaut e de Jack Kerouac, dia da independência das Ilhas Marshall, Día Nacional del Poeta na República Dominicana, Day to Spread Love and Joy to the Unfortunate nos Estados Unidos, que devia ser todo dia, dia do lançamento do album "Lazarus", do David Bowie, dia em que Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica incandescente, dia do 294º dia do ano no calendário gregoriano, a não ser que o ano seja bissexto, como foi esse, em que um dia pus um vestido e fui ver o mar da costa leste pensando no da costa sul.

21 de outubro.

II

Eu imagino tudo o que se consegue pensar enquanto se está em uma suicida queda livre e me parece de uma beleza memorial vasta

Os pés se cruzam levemente os joelhos se encostam levemente levemente as mãos estão levantadas os olhos levemente estão fechados você levemente assim como levemente em voo único se sentiu leve livre no ar em alguns leve segundos está morta. Mas não me parece olhando assim levemente.

III

Restos

Não haveria como não exercer, ao menos um pouco, e assim nesta luz amarelada mais ou menos pontual, que emerge de uma luminária quadrada [de onde veio?], eu diria que, não haveria como não exercer de qualquer forma fas-ci-na-ção, e , inescapavelmente, desvelo. A forma a cor a textura a beleza a relação de contraste, veja só, todas essas coisas que compõem subjetiva e objetivamente a morte, todas essas coisas compondo a mancha meio seca meio úmida de sangue que se apegava ao chão. Todas essas coisas não importam.

"Afefobia"

by

Fernanda Andrade Fachin

1 - EXT. RUA - NOITE

RUA CHEIA DE PRÉDIOS, ALGUNS CARROS PASSAM, CHOVEU HÁ POUCO TEMPO.

CUT TO:

2 - INT. QUARTO - NOITE

UMA GAROTA (20 ANOS) ENCONTRA-SE NO SEU QUARTO COM SEU NAMORADO (20 ANOS)ELES ESTÃO SENTADOS NA CAMA SE OLHANDO E SE BEIJAM MAS SE AFASTAM RAPIDAMENTE.
(AR DE ESPANTO, SUSTO)

3 - INT. SALA - NOITE

UM CASAL DE IDOSOS ESTÁ SENTADO NO SOFÁ ASSISTINDO TELEVISÃO.
UM DELES TOCA A MÃO DO OUTRO MAS RAPIDAMENTE SE AFASTAM.
(AR DE ESPANTO, SUSTO)

4 - EXT. VARANDA - NOITE

UMA MULHER (30 ANOS) ESTÁ SENTADA EM UMA REDE E OBSERVA O CÉU ENQUANTO FUMA UM CIGARRO. OUTRA MULHER (25 ANOS, SUA NAMORADA) APARECE NA FRENTE E TENTA TIRAR ALGUNS FIOS DE CABELO DA TESTA DA NAMORADA MAS SE AFASTA RAPIDAMENTE. (AR DE ESPANTO, SUSTO)

5 - EXT. RUA (A MESMA DO INÍCIO) - NOITE

MUITAS PESSOAS, COM CARACTERÍSTICAS BEM VARIADAS ESTÃO NA RUA. ELAS TOCAM UMAS AS OUTRAS COMPULSIVAMENTE DE VÁRIAS FORMAS E SE AFASTAM RAPIDAMENTE. (DESESPERO)

INSERT: V.O.

Flutuando por aí, não se sente mais pele, só metal.

